

Barbara Luzia Sartor Bonfim Catapan  
Organizadora

# CIÊNCIAS DA SAÚDE: CONCEITOS E TENDÊNCIAS

VOL. 1

CURITIBA  
2021



**Organizadora**  
**Barbara Luzia Sartor Bonfim Catapan**



**Ciências da saúde: conceitos e  
tendências**

Vol. 01

**Reflexão Acadêmica**  
editora

**Curitiba**  
**2021**

## CAPÍTULO 12

### O OBJETO TRANSACIONAL E A SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

**Ana Mateus da Silva**

Professora Auxiliar Universidade Aberta, Lisboa, Portugal

Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais – CEMRI-SCD

E-mail: anai.silva@uab.pt

**Resumo:** Algumas crianças selecionam um objeto transacional que as acompanha ao longo de alguns anos, outras não. Este objeto transacional que pode ser um peluche, um lençol, ou outra coisa, não deve ser-lhe retirado, uma vez que transmite segurança à criança. A adolescência caracteriza-se essencialmente por uma transição da dependência para a autonomia. Já ser um adulto jovem implica a resolução de algumas tarefas a nível do desenvolvimento, da autonomia, identidade, independência e segurança, para construir, progressivamente, o seu projeto de vida. No presente estudo vamos analisar se o objeto transacional, na criança, no adolescente e no adulto jovem, influencia ou não o desenvolvimento na autonomia (adolescente) e na autonomia, iniciativa e segurança (adulto jovem). O estudo é comparativo entre a ilha de São Miguel - Açores e Portugal Continental e a análise quantitativa, descritiva e longitudinal.

**Palavras-chave:** Objeto transacional; Desenvolvimento; Criança; Adolescente; Adulto Jovem

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da criança tem sido alvo de vários estudos, quer a nível físico, quer psicológico. Salienta-se a relação do equilíbrio neste desenvolvimento enquanto criança e como tal equilíbrio vai influenciar o desenvolvimento do adolescente, do adulto e do idoso.

A relação com a mãe vai fornecer ao bebé o princípio da sua experiência com o material da comunicação e das ligações humanas, uma vez que o bebé observa tudo o que a mãe faz, o que podemos considerar as primeiras interações sociais entre a criança e o mundo que a rodeia. Estas interações serão diferentes dependendo da cultura em que o bebé está inserido (RAMOS, 1990; SILVA, 2011; 2020).

Para que a criança tenha um desenvolvimento intelectual e social equilibrado é necessário que as relações emocionais afetivas das crianças sejam positivas. As relações emocionais vão interferir nas interrelações pessoais, essencialmente vão ajudar as crianças a distinguir quais os comportamentos mais adequados. Esta aprendizagem faz-se através do dar e receber entre as crianças e os adultos que cuidam delas. Estas relações vão proporcionar à criança aprender a pensar. (BRAZELTON E GREENSPAN, 2003; SILVA, 2011, 2020).

Ao observar algumas crianças, verificamos que normalmente apresentam um comportamento de apertar um objeto com muita força na mão e levá-lo à boca para chuchar. Na maioria das vezes é um objeto macio – pode ser uma fralda de pano, um pedaço de cobertor, um lençol, um peluche, entre outros. A este objeto WINNICOTT (1951-1953) deu a definição psicanalítica de objeto transacional (SILVA, 2020 apud WINNICOTT, 1975). Mas acrescenta que não é o objeto que é transacional, mas sim o representar esse objeto a transição do bebé de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com a mãe como algo externo e separado (WINNICOTT, 1975).

Esta experiência da criança, segundo WINNICOTT (1975) apud SILVA, 2020, é muito importante, na medida em que é escolhida pelo bebé e não por acaso, voluntariamente e com determinação, representando a primeira posse do não-eu do bebé. Verificamos nas várias crianças que observamos, e nas entrevistas que fizemos às mães, que a criança mesmo incentivada a mudar de objeto não aceita e atira o

mesmo ao chão. E de acordo com WINNICOTT (2000) o objeto transacional não deve ser mudado a não ser que seja o próprio bebê a fazê-lo

Como nos refere uma mãe:

“Tentamos outros peluches, mas ela atirava para o chão”.

Outra mãe refere como tentaram que a criança aceitasse outro, mas igual e comprado na mesma loja, aos 3 anos de idade, uma vez que o inicial estava muito velho de andar sempre com ela, sem o mesmo efeito, pois diz-nos:

“Aos 3 anos de idade compramos um Doudu igual, mas ela já dizia que era um coelho e não o Doudu”.

As crianças brincam com os objetos transacionais para além de andarem sempre com eles, levam-nos para todo o lado e, se os esquecem, choram até adormecer de cansaço como salienta uma mãe:

“Quando saímos e não levamos o tigrezinho, ela não para de chorar, temos que voltar a casa para o vir buscar ....”

Podemos pensar que a brincadeira e a aprendizagem podem começar com o objeto transacional e que mais tarde para as experiências culturais, o que vem ao encontro de WINNICOTT ao referir: “Há uma evolução direta dos fenómenos transacionais para o brincar, do brincar ao brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais”. (WINNICOTT, 1975 p. 76).

Podemos pensar que o objeto transacional na infância poderá ter ou não influência no desenvolvimento equilibrado do adolescente. Procuramos verificar que existe uma relação entre a criança ter tido ou não um objeto transacional e alguns comportamentos ou atitudes na adolescência (SILVA, 2020). Adolescente significa em latim “crescer” e indica um período de mudanças. Assim, adolescência é caracterizada, essencialmente, por alterações sequenciais e interligadas, que vão desde o corpo, ao pensamento, à vida social e ao Eu (REYMOND, 1983; SILVA 2004; SILVA 2020).

Lembramos a Organização Mundial da Saúde (OMS), que salienta que os limites cronológicos da adolescência são definidos entre os 10 e 19 anos, enquanto pela Organização das Nações Unidas (ONU) situam-se entre os 15 e 24 anos, critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária dos 20 a 24 anos de idade. Nos nossos dias deparamo-nos, mais por conveniência, com o agrupar de ambos os critérios e



denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de *protagonismo juvenil*. (EISENSTEIN, 2005; SILVA 2020).

Vários são os autores que referem que a autonomia é uma das tarefas mais importantes da adolescência (FLEMING, 2004). O processo de transição da dependência para a autonomia é uma etapa longa e densa a nível emocional e a nível de conflitualidade psicológica (STEINBERG, 1987, CIT. POR FLEMING, 2004; SILVA, 2020). Nesse sentido a autonomia encontra-se ligada a um processo de individuação, de separação e de formação de identidade; envolve um movimento de independência em relação aos pais na tomada de decisão, nos valores, um desapego emocional e comportamental (STEINBERG, 1985, APUD. POR STEPHEN, EASTMAN & CORNELIUS, 1988; SILVA 2020).

Mas, se pensamos que o ter ou não objeto transacional influencia o desenvolvimento na adolescência, também podemos refletir que este mesmo objeto transacional pode influenciar todo o desenvolvimento do ser humano. Assim, vamos incluir nesta nossa reflexão os adultos jovens ou adultez emergente que é caracterizada para além de outras dimensões a nível da autonomia.

A conquista da autonomia constitui-se como outra tarefa a nível do desenvolvimento essencial na transição para a idade adulta. Exige a separação psicológica das figuras parentais que deve ocorrer, de acordo com BLOS (1979), ao longo do processo de separação-individuação, durante a passagem da adolescência para a idade adulta. Esta separação é progressiva e faz-se através dos objetos infantis internalizados e que se adquire uma maior independência/autonomia em relação aos pais (BLOS, 1979). Nesta perspetiva é de extrema importância que haja uma separação psicológica das figuras parentais para que haja uma construção da autonomia por parte do jovem adulto. Normalmente, aparece associada a uma melhor capacidade de adaptação em relação às exigências sociais, uma vez que o desenvolvimento da autonomia vai permitir que este se afirme ao nível do desempenho do seu papel de adulto (ANDRADE, 2016).

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Objetivo da investigação**

Iniciamos esta investigação em 2000 numa Unidade Curricular do Mestrado Comunicação em Saúde na Universidade Aberta e à qual demos continuidade em 2010 e 2020. No estudo em 2000 o nosso objetivo foi identificar se as crianças tinham objeto transacional e qual a sua relação com os mesmos. Em 2010 o nosso objetivo principal foi verificar se havia alguma relação entre as crianças que tinham objeto transacional e o grau de autonomia na adolescência (SILVA, 2020) e em 2020 foi verificar se havia alguma relação entre as crianças que tinham objeto transacional, o grau de autonomia na adolescência e o grau de autonomia no adulto jovem, iniciativa e segurança.

### **2.2 Método**

#### **Participantes**

Em 2000 a amostra não probabilística de conveniência foi composta por 20 crianças (7 do género masculino e 13 do género feminino) com idades compreendidas entre os 3-5 anos: 10 crianças viviam na Ilha de São Miguel, Açores na freguesia de Arrifes, arredores da cidade de Ponta Delgada, a que damos o nome de grupo n.º 1 e 10 vivam em Santarém, Portugal Continental, grupo n.º 2.

O critério de inclusão foi frequentarem o mesmo infantário.

Em 2010, a amostra foi constituída pelos mesmos 20 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos (SILVA, 2020).

Em 2020, a amostra foi constituída pelos mesmos 20 adolescentes com idades compreendidas entre 23 e 25 anos. O grupo 1 que nasceu na Ilha de São Miguel e vivia nos arredores de Ponta Delgada, manteve-se na ilha de São Miguel e terminaram o 12º ano, encontrando-se já a trabalhar e já constituíram família.

O grupo 2 que vivia em Santarém, encontra-se na sua maioria a estudar e apenas dois elementos já trabalham. Os que estudam mantêm-se em Santarém, enquanto os dois que trabalham já constituíram família e vivem na zona da grande Lisboa.

## **2.3 Procedimentos**

Realizámos um estudo comparativo entre um grupo residente na ilha de São Miguel - Açores e um grupo residente em Santarém, Portugal Continental.

A presente investigação é quantitativa, descritiva e longitudinal

## **2.4 Material**

Na investigação realizada em 2000 utilizámos entrevista aos pais e observação em sala de infantário das 20 crianças; em 2010 utilizámos entrevistas aos adolescentes e aplicação de um questionário elaborado por nós, tendo por base o Questionário de Autonomia nos Adolescentes (NOOM, 1999; ADAPTADO POR GRAÇA, CALHEIROS & MARTINS, 2010).

Este questionário foi composto por 14 perguntas tipo Liket, com escala de respostas de 5 pontos (1=Nada característico de mim; 5=Muito característico de mim), que refletem o grau em que os jovens são autónomos em relação a quatro dimensões. A primeira dimensão com 5 perguntas diz respeito à autodeterminação, corresponde a uma conduta confiante e autorregulada. A segunda dimensão com 3 perguntas é relativa à independência que corresponde a uma conduta em que sozinho/a consegue ter iniciativa. A terceira dimensão com 3 perguntas, a Autonomia cognitiva diz respeito à capacidade do jovem tomar decisões e estabelecer objetivos pessoais. A quarta dimensão com 3 perguntas, a Autonomia emocional refere-se ao sentimento de autoconfiança e ausência de necessidade excessiva de validação social (SILVA, 2020 p.25).

Em 2020 aplicamos um questionário elaborado por nós, tendo por base o Inventário de separação psicológica das figuras parentais Psychological Separation Inventory, de Hoffman (1984), para avaliar a autonomia, iniciativa e segurança. Elaboramos um questionário tipo liket com 21 questões com escala de respostas de 5 pontos (1=Discordo Inteiramente; 5=Concordo Inteiramente), que refletem o grau em que os adultos jovens se encontram a nível das três áreas que avaliamos.

A primeira dimensão com 7 perguntas diz respeito à autonomia, corresponde a o jovem tomar decisões e estabelecer objetivos pessoais. A segunda dimensão com 7 perguntas é relativa à iniciativa que corresponde a uma conduta em que o jovem



sozinho/a consegue ter iniciativa. A terceira dimensão com 7 perguntas, salientando-se a segurança, diz respeito à capacidade do jovem ter uma conduta confiante.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados, bem como a discussão dos mesmos a nível da criança e adolescente, encontram-se já publicados, no entanto não faria qualquer sentido não os colocarmos neste texto em virtude de serem cruciais para a nossa reflexão.

As crianças do grupo n.º 1 viviam em famílias alargadas, em que toda a família cuida das crianças, mesmo aquelas que vão para o jardim de infância, a meio do dia, os avós ou tios vão buscá-las para fazerem as refeições com as mesmas.

Em termos de escolaridade, 16 pais têm o ensino secundário e 4 licenciatura, os avós 16 possuem o ensino básico e 4 o secundário.

Há uma grande interação entre toda a família e uma grande interajuda; as tarefas são divididas, sendo a criança o centro das atenções de todos, a criança é incluída em toda a dinâmica familiar. Há muita estimulação das crianças e um grande incentivo por parte essencialmente dos avós para que a criança tenha um objeto de relação – um objeto preferido; tentam incentivar a criança desde muito cedo (6-8 meses) a escolher um objeto, colocam-no ao lado dela na cama ou brincam com ela com este objeto, mas tentam diversificar e perceber qual é o que a criança gosta mais, por exemplo, através se fica mais tempo a brincar sem atirar ou levar à boca. Para estas avós é essencial que a criança goste de alguma coisa para mais tarde saber viver, e dizem-nos: "Já a minha mãe me educou assim, e ajudou a criar a minha filha e ela é feliz". É de salientar que as mães trabalham fora, mas as avós estão em casa e, por vezes, algumas tias.

As crianças têm sempre um espaço reservado para brincarem, um sótão (conhecido como falsa) ou um anexo na casa, onde elas possam estar a brincar como e quando quiserem.

Para as crianças que observamos o objeto transacional é um companheiro evolutivo e metacognitivo, que representa a própria história da criança e a sua vivência no mundo, como se pode verificar no quando n.º 1.

Quadro 1: Relação Criança objeto transacional do grupo 1

<b>Criança</b>	<b>Idade</b>	<b>Objeto transacional</b>	<b>Fala com o objeto transacional</b>	<b>O objeto transacional responde</b>	<b>O objeto transacional tem sentimentos</b>
David	4 anos	Caezinho - totó	sim	sim	Sim, idênticos aos da criança
Inês	5 anos	um ursinho – Ursinho	sim	sim	Sim, idênticos aos da criança
Alice	4 anos	peluche – Tigrezinho	sim	sim	Sim, diferentes dos da criança
Cátia	3 anos	boneca – Boneca	sim	sim	Sim, diferentes dos da criança
Ricardo	4 anos	gato de peluche – Amigo	sim	não	Sim, idênticos aos da criança
Ana Sofia	4 anos	boneca – Lili	sim	não	Sim, idênticos aos da criança
Susana	5 anos	boneca – Sofia	sim	não	não
Luís	4 anos	cão de peluche – Begas	sim	sim	Sim, idênticos aos da criança
Ana Luísa	5 anos	cadela de peluche – Jaqui	sim	não	não
João	4 anos	boneco – Rechonchas	sim	sim	Sim, diferentes dos da criança

Fonte: Silva,2020, p.26

Da nossa observação, estas crianças ao falarem com os objetos transacionais, estes escutam-nas durante horas, dão-lhes tempo e espaço para exprimirem os seus pensamentos e depois de refletirem sobre aquilo que disseram, para amadurecerem, as suas ideias e conceções do mundo – é uma brincadeira com aprendizagem.

Na maior parte dos casos, ninguém diz à criança o que deve fazer com o seu peluche, no entanto, e interpretando os diálogos com o peluche, a criança tem bem consciência do dever submeter-se a muitas obrigações e deveres que poderiam exprimir-se através do objeto (Silva, 2020, p. 26, 27). Realçamos algumas frases das crianças:

"Só com o meu peluche posso fazer o que quiser"

"... posso mandar-lhe fazer coisas...."

"O meu Begas obedece-me, mais ninguém em casa faz .. "

As crianças do grupo n.º 2 vivem em famílias nucleares, em que não há suporte de família alargada, à exceção de algum período de férias em que, por vezes, cuidam

delas. As crianças ficam nos jardins de infância e, quando estes fecham, vão para a ama. Os pais trabalham em Lisboa ou arredores e as mães por turnos e com duplo emprego. Relativamente à escolaridade, 25 pais possuem o ensino secundário e 15 licenciatura. Vivem em apartamentos em que o quarto de dormir é também o quarto de brincar onde têm televisão com vídeo. É em frente à televisão que a criança passa a grande parte do tempo quando está em casa a ver vídeos ou programas da televisão. Os pais referem que não têm tempo para estarem com elas, não sabem se a criança tem ou teve algum objeto transacional e pensam que elas têm tudo o que precisam, porque tudo o que pedem têm e isso é o mais importante (SILVA, 2020, p.27).

Quadro 2: Relação criança objeto transacional do grupo 2

<b>Criança</b>	<b>Idade</b>	<b>Objeto transacional</b>	<b>Fala com o objeto transacional</b>	<b>O objeto transacional responde</b>	<b>O objeto transacional tem sentimentos</b>
Margarida	4 anos	Não tem			
Elsa	5 anos	um ursinho – João	não	não	não
João Pedro	4 anos	não			
Filipa	4 anos	fralda – ah, ah	não	não	não
Rute	4 anos	não			
José	4 anos	Fralda de pano – sem nome	não	não	não
Beatriz Maria	4 anos	Casaco da mãe	não	não	não
Raquel	4 anos	não			
João Pedro	5 anos	Cão de peluche – Snoopy	sim	não	não
Beatriz	4 anos	boneco – Carlos	sim	sim	Sim, diferentes dos da criança

Fonte: SILVA, 2020, p.27

Da nossa observação, estas crianças, na sua maioria, não têm relação com um brinquedo, no entanto algumas mantêm uma relação com o que nos parece o 1.º objecto transicional (a fralda, o casaco da mãe), à exceção de uma que tem o Snoopy (cão de peluche).

Ao questionarmos os pais destas crianças sobre porque não incentivam o diálogo com os bonecos, percebemos que pensam que este comportamento é anómalo.

Se compararmos a relação destas crianças com as que observamos na primeira situação, verificamos grandes diferenças essencialmente a nível da criatividade, da imaginação, do autocontrole e da socialização. As primeiras aceitam de uma forma calma as brincadeiras com os colegas e querem sempre inventar mais qualquer coisa para brincarem.

### 3.1 2010

Quadro 3: Adolescente e nível de autonomia do grupo 1

Adolescente	Autodeterminação	Independência	Autonomia cognitiva	Autonomia emocional	Média
David	4	5	5	4	5
Inês	4	5	4	5	5
Alice	5	4	5	4	5
Cátia	4	4	4	5	4
Ricardo	2	3	2	2	2
Ana Sofia	2	3	3	2	3
Susana	1	2	2	3	2
Luís	4	4	4	4	4
Ana Luísa	5	5	5	4	5
João	4	5	5	5	5

Fonte: SILVA, 2020, p.28

Quadro 4: Adolescente e nível de autonomia do grupo 2

Adolescente	Autodeterminação	Independência	Autonomia cognitiva	Autonomia emocional	Média
Margarida	2	3	2	3	3
Elsa	2	3	2	2	2
João Pedro	3	2	3	2	3
Filipa	2	3	2	2	2
Rute	2	3	2	2	2
José	2	3	3	2	3
Beatriz Maria	1	2	2	3	2
Raquel	2	2	3	2	2
João Pedro	5	5	5	4	5
Beatriz	4	3	4	4	4

Fonte: SILVA, 2020, p.28

Podemos verificar que as crianças que tiveram objeto transacional têm um grau maior de autonomia na adolescência, de acordo com o questionário que foi aplicado e pelos valores que obtivemos (quadro n.ºs 3 e 4). Nos dados do quadro n.º 3, os adolescentes revelam-se mais autónomos do que os do quadro nº 4. Lembre-se que no grupo n.º 1 a maioria das crianças tinha objeto transacional (SILVA, 2020, p.29).

Espelha-se nas crianças do grupo n.º 1 a teoria de Winnicott, segundo as crianças com objeto transacional têm um ambiente capaz de suportar que o indivíduo dele se discrimine ressaltando, no entanto, que é a presença imprescindível de um cuidado consistente nos momentos de separação que garante a possibilidade de o sujeito realmente ficar só (WINNICOTT, 1998a), sem fracassar e sem se sentir abandonado (SILVA, 2020).

Ao pensarmos nas culturas diferentes que encontramos nestes dois grupos, segundo (LAM ET AL. 1979, 1981, 1982, LEBOVICI, 1983, CYRULNIK, 1989, RAMOS, 2004), verifica-se que na mesma cultura e nas diferentes culturas, há grandes semelhanças e grandes diferenças, as quais vão oferecer certas particularidades ao desenvolvimento, autonomia e funcionamento psicológico da criança (SILVA, 2020).

### 3.2 2020

Quadro 5: Adulto jovem e nível de autonomia, iniciativa e segurança do grupo 1

Adolescente	Autonomia	Iniciativa	Segurança
David	4	4	5
Inês	4	4	5
Alice	5	5	5
Cátia	4	4	5
Ricardo	2	2	4
Ana Sofia	2	3	3
Susana	2	2	3
Luís	4	4	4
Ana Luísa	4	4	5
João	4	5	5

Fonte: A autora

Quadro 6: Adulto jovem e nível de autonomia, iniciativa e segurança do grupo 2

Adolescente	Autonomia	Iniciativa	Segurança
Margarida	2	4	3
Elsa	3	5	2
João Pedro	3	3	4
Filipa	2	3	3
Rute	2	3	2
José	2	3	3
Beatriz	1	4	1
Raquel	2	3	2
João Pedro	5	5	4
Beatriz	4	4	4

Fonte: A autora

Ao relacionarmos os resultados que obtivemos em relação à autonomia, iniciativa e segurança, podemos verificar que são níveis diferentes entre o primeiro grupo e o segundo. O primeiro grupo em que todos tiveram objeto transacional e que na adolescência apresentavam um maior grau de autonomia, mantêm um nível mais elevado de autonomia, iniciativa e com valores mais elevados a nível da segurança.

Sabemos que estes adultos jovens não saíram de São Miguel para estudar, caso o tivessem feito, tal experiência poderia ter influenciado estes valores. Também já trabalham e têm a sua própria família, o que poderá ter influenciado estes valores.

No grupo 2, os adultos jovens que revelam valores mais elevados a nível autonomia, iniciativa e segurança são os que tiveram objeto transacional e falavam com o mesmo. Em adolescentes já apresentavam valores mais elevados de autonomia, o que já não acontece com os que tinham objeto transacional, mas não falavam com o mesmo.

Se relacionarmos o objeto transacional como sendo um fator que ajudou a criança no seu desenvolvimento, que na adolescência proporcionou mais autonomia e que no adulto jovem auxiliou a separação psicológica das figuras parentais, então os nossos dados estão de acordo com a teoria de Winnicott – o objeto transacional influencia todo o desenvolvimento humano. Estes adultos jovens estão a construir a sua identidade e a formação do autoconceito que é emergente na adultez, enquanto tarefas fundamentais para a conquista da autonomia e posterior obtenção do estatuto social de adulto. Esta construção da identidade pessoal e social do adulto emergente manifesta-se através do exercício de papéis sociais de adulto, tais como, por exemplo, “brincar” ao papel profissional com o objeto transacional pode contribuir para que este adulto jovem realize as suas tarefas e atividades sem necessitar do apoio emocional e instrumental constante por parte dos pais. (ANDRADE, 2016).

#### **4. CONCLUSÃO**

Neste estudo podemos refletir e salientar três conclusões: a primeira que o objeto transacional foi muito importante para as crianças que observamos, ajudando-as a ficarem longe da mãe, a tornarem-se mais autónomas, a gerirem melhor os seus sentimentos; a segunda, já adolescentes, ao lembrarem-se do objeto/companheiro



que tinham quando crianças, essa lembrança trazia-lhes o conforto e a segurança que sentiam em crianças; a terceira, já adultos jovens, ao fazer-lhes lembrar o objeto transacional que tiveram, referiam um maior grau de autonomia, iniciativa e segurança e os que já tinham filhos já incentivam os mesmos a terem um peluche, boneco ou outro a ser o seu/ companheiro, companheira preferida.

Os resultados, embora de natureza exploratória, permitem contribuir para uma melhor compreensão da influência do objeto transacional, nestes dois grupos. Lembramos que estes resultados devem ser lidos com precaução, uma vez que existem várias variáveis que não foram aqui contempladas, nomeadamente, temos adultos jovens que estudam e outros que trabalham, bem como uns que continuam a viver com os pais e outros que já constituíram família.

Para além deste aspeto, as características da amostra deste estudo também constituem uma limitação para a extrapolação destes resultados para outros grupos. A inclusão de uma amostra de maior dimensão e mais heterogénea e representativa da realidade portuguesa poderá permitir avaliar a consistência destes resultados, bem como o seu aprofundamento.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. **A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes**. Psicologia Escolar e Educacional, 20 (1), 137-146, 2016.
- BRAZELTON, T., & GREENSPAN, S. **A criança e o seu mundo: Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem**. Lisboa. Presença, 2003.
- CORDEIRO, M. **Dos 10 aos 15 anos: Adolescentes e Adolescência**. Lisboa: Quatro Margens, 1997.
- EISENSTEIN E. **Adolescência: Definições, conceitos e critérios**. Adolescência e Saúde, 2(2), 6-7, 2005.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**: Rio de Janeiro. Zahar, 1972.
- FLEMING, M. **Adolescência e Autonomia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2004.
- GARVEY, C. **Brincar**. Lisboa: Edições Salamandra, 1992.
- HOFFMAN, J. A. Psychological separation of late adolescents for their parents. **Journal of Counselling Psychology**, 31, 170-178, 1984.
- GRAÇA, J., CALHEIROS, M., & MARTINS, A. Adaptação do Questionário de Autonomia nos Adolescentes (QAA) para a língua portuguesa. **Laboratório de Psicologia**, 8(2), 237-250, 2010.
- STEPHEN, A. S., EASTMAN, G., & CORNELIUS, S. (1988). Adolescent autonomy and parental stress. **Journal of Youth and Adolescence**, 17, 377-391, 1988.
- RAMOS, N. (1990). Colóquio viver (n)a cidade. Lisboa: LNEC. Ramos, N. **Psicologia clínica e da saúde**. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.
- REYMOND, R. B. (1983). **O desenvolvimento social da criança e do adolescente**. Lisboa: Editorial Aster, 1983.
- SILVA, A. **Desenvolvimento infantil: dos 0 aos 2 anos**, Lisboa, Climepsi editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento de Competências Sociais na Adolescência**, Lisboa, Climepsi editores, 2004.
- \_\_\_\_\_. A Importância do objeto transacional no desenvolvimento da criança através das gerações e culturas. In Pereira, H; Monteiro, S; Esgalho, G; Cunha, A; Leal, I. (edi) **Actas** .Lisboa: ISPA, 2020. ISBN 978-989-8384-58-4. p. 21-30, 2020.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- \_\_\_\_\_. A capacidade para estar só. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 31-37, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas.** Rio de Janeiro.  
Imago, 2000.